

Niki Lauda chega dia 23 a Recife para inaugurar sua empresa Laudair de vôos charter Brasil-Austria

De 12 a 18 de janeiro, Spa no Hotel-fazenda Pinheiros, em Petrópolis. Preço: Cz\$ 14.500 Reservas: 247-8903



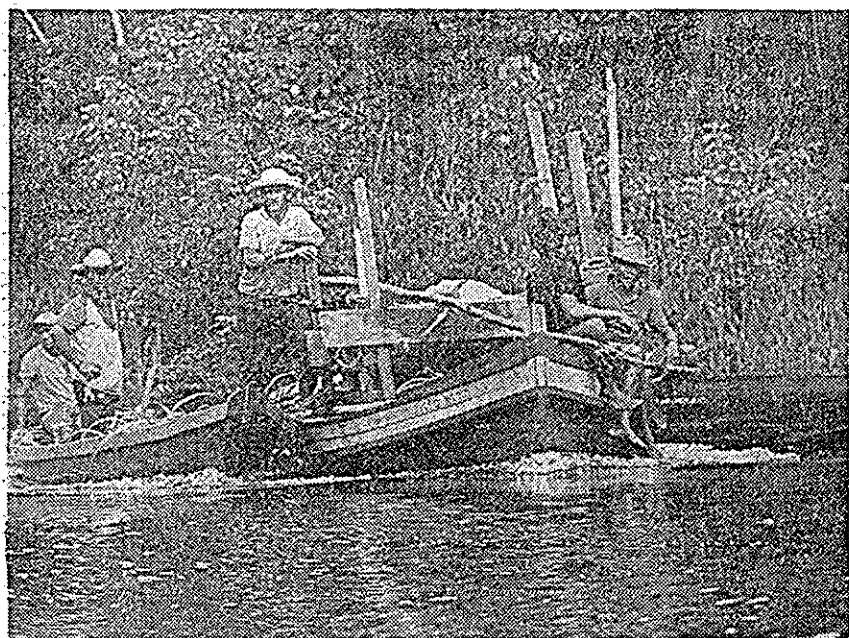
Amazônia

Fauna, flora e beleza do rio Negro

A partir de Manaus, uma viagem de três dias pelo rio Negro descobre um mundo. Há cor no chão: a cobra-papagaio, verde e inofensiva, se confunde com as folhas das árvores. Há cor na água, onde vive o bellissimo boto cor-de-rosa. Há cor na asa dos anuns, cujas penas mudam do azul ao preto conforme a luz do sol. Há também sons de macaús e jaçanás, há paisagens como a do arquipélago das Anavilhanas, com mais de cem ilhas fluviais. Há a samamoira, árvore da altura de um edifício de 10 andares. E há muito mais. (Página 6)

Fotos de Alberto Ferreira





Durante a excursão, há paradas para tomar banho de rio e conhecer a floresta



Rio Negro

Uma viagem de barco, entre plantas exóticas e sons da selva

Roberto Falcão

SÃO nove horas; chove fino quando deixamos o cais flutuante de Manaus para embarcar no Alfaya. Começa aí a aventura de três dias pela selva amazônica a bordo desse pequeno barco de 11 metros, com uma canoa um pouco menor a reboque, em companhia do guia Wilson Castro, do piloto Leo e do canoero Janico, que faz também as vezes de cozinheiro.

Desatadas as amarras, começamos a navegar, descendo o Rio Negro. Logo adiante, as casas de madeira construídas sobre palafitas, para evitar a invasão pelas águas do rio, nas cheias.

O guia Wilson dá as primeiras informações: nas proximidades de Manaus, o Negro tem uma profundidade entre 60 e 80 metros, permitindo a navegação de transatlânticos. Os maiores níveis ocorrem entre janeiro e junho, quando chove muito nas cabeceiras e desaparecem várias praias fluviais.

A medida que o barco se distancia da capital, a floresta fica mais verde, mais fechada, mais exuberante. O sol surge forte, o calor se torna maior devido à umidade do ar de 80% a 100%, e os raios de luz brilham nas águas negras do rio, parecendo reflexos de um espelho embaçado.

Chega o famoso encontro das águas, distante 25 quilômetros de Manaus. Ali, o barrento Solimões encontra o escuro Negro, formando o Amazonas. Durante seis quilômetros os dois rios correm lado a lado, sem misturarem suas águas, como se houvesse uma divisão. O fenômeno é causado pela diferença de densidade e temperatura dos rios.

Está na hora da primeira parada, na propriedade de dona Maria, onde há muitas seringueiras, árvores responsáveis pela riqueza da Amazônia no final do século passado e início deste. Há também uma lojinha com colares de escamas de pirarucu e de cabelo de porco do mato, a Cz\$ 30, arco e flexa, a Cz\$ 80, pulseira de semente de seringueira, a Cz\$ 10.

A seguir, subimos o rio, fazendo o caminho inverso. Nos troncos flutuantes estão pouca-

dos os pássaros mergulhões e pescadores. De vez em quando, um deles voa rasante sobre a água, mergulha rápido e fiska com o bico um pequeno peixe. Pela primeira vez, vemos um boto rosa; muito rápido e arisco, seu salto fora da água dura segundos.

Deixamos o Negro e entramos no Lago de Janauary, um dos mais procurados pelas excursões. No cais de um modesto bar, é uma delícia saborear uma cerveja bem gelada enquanto meninos mostram aos turistas estrangeiros toda sorte de animais aprisionados: pequenos jacarés, jibóias, até mesmo preguiças. Em troca recebem gorjetas, algumas em dólar.

É hora do almoço, comida simples mas muito gostosa à base de peixe, preparados pelo cozinheiro canoero Janico. Depois, vemos as vitórias-régia, com suas enormes folhas sobre as águas e suas belas flores que se abrem somente por quatro dias em cores; branca, vermelha e lilás. Diz a lenda que uma índia muito bonita, enfeitada pela lua cheia refletida nas águas de um rio, mergulhou para abraçá-la. Como não sabia nadar, morreu afogada, transformando-se na vitória-régia.

De canoa, visita-mos um igarapé palavra que em tupi quer dizer braço de rio. A canoa serpenteia através da selva, que se fecha no alto e esconde o céu. Surgem jacarés, pássaros de bico amarelo, penas pretas e cor de tijolo e arrulhos de papagaios. Há macaúcos por perto, esses pássaros respondem ao assobio.

Wilson, o guia, mostra nas margens os buracos feitos pelo cascudo, peixe que ali deposita seus ovos na cheia; ele aponta também a samaomeira, a mais comum das árvores da Amazônia. Quando pequenas, os índios batem em seus troncos para se comunicarem. Mas quando crescem, se tornam gigantes: vimos uma de aproximadamente 180 anos com mais de 30 metros a mesma altura de um prédio de 10 andares. Fomos também apresentados ao arpuí, uma curiosa árvore que só não é parasita porque realiza todas as funções vegetais, mas cresce enroscada em outras.

De volta ao Rio Negro, começa a anoitecer quando en-

frentamos um banzeiro, sucessão de pequenas ondas que se formam graças ao vento. O piloto Leo precisa ser duro no leme para enfrentar as ondas. Já é noite: ao longe, de algum flutuante, vem o som animado de um forró. Os flutuantes são os bares da Amazônia: se os bares ficam em esquinas, os flutuantes nos encontros de rios.

O forró silenciou, o único som agora é o da selva e a conversa, sobre onças, cobras, pescarias. Cada um se esforça para ser mais mentiroso do que

o outro, mas Wilson é insuperável. O sono vai chegando, as vozes somem, cada um se acomoda na rede. A silhueta escura da floresta se confunde com a água negra e um sapo-boi canta solitário.

Amanhecer na selva: o canto dos passarinhos é estontante, tantos são os tons e harmonias; as árvores recuperam seu verde, só o rio continua preto. Após o café, navegamos rumo a Jaraquí, um braço de rio onde passamos quase todo o dia ancorados devido à chuva, toman-

do banho nas águas negras — mas sem piranhas: o corpo fica cor de cobre.

No fim da tarde o índio João vem contar sua história: ainda era curumim (menino) e vivia na tribo quando foi levado para Santa Isabel do Rio Negro. Hoje aos 27 anos, cuida de uma pequena roça. Ele nos leva para passear por uma picada onde as árvores se fecham no alto, não se vê o céu, a umidade e o calor sufocam. Uma quantidade enorme de folhas secas se espalha pelo chão, é preciso cuidado para não pisar na pequena e verde cobra-papagaio, que se confunde com o mato. Quanto às onças, elas só aparecem à noite para caçar tatus, pacas e cotias.

Manejando habilmente o facão para cortar o mato, João aponta um canço do mato cuja raiz serve para curar mordida de cobra, mostra um breu que é queimado nos rituais dos índios. O cipó d'água oferece líquido para matar a sede, enquanto a pussaga serve para feitiços de amores, mas se torna um forte alucinógeno se misturada com a cachaaça.

Deixamos Jaraquí e atravessamos o Negro na altura do Arquipélago das Anavilhanas, que tem mais de cem ilhas. Nesse ponto, a largura do rio é de 22 quilômetros, exatamente o dobro da Ponte Rio-Niterói. Naquela imensidão de água, outro banzeiro. Do outro lado está Areaú, um furo do Negro, isto é, um braço de rio diferente do igarapé porque as árvores não se fecham no alto.

Em Areaú ainda há muitos jacarés; à noite, saímos para "caçá-los". A saída na canoa é solene, todos calados para não espantar os bichos. O único barco é o do motor, Wilson vai na proa, em pé, lanterna na mão. De repente o fecho de luz encontra dois olhos que brilham, vermelhos. A canoa embica em direção ao jacaré, que fica imóvel. O momento é de tensão, menos para Wilson, acostumado com a tarefa. Súbito, ele se abaixa e, rápido, segura firme o jacaré pelo costado na altura do pescoço. O animal, de meio metro, agora está inofensivo. Wilson o examina, descobre que é macho e deve ter aproximadamente quatro anos.

Termina a "caçada" com o jacaré devolvido para o rio.

— Esse foi fácil de pegar — comenta o guia. — Pior é quando há estrangeiros, porque eles querem ver jacaré de filme de Tarzã. Mas os grandes são impossíveis de capturar, é mais fácil eles me pegarem. Então sou obrigado a fazer teatro, em vez de dar o bote para valer, só finjo. O jacaré se assusta; foge e saio da história como herói. Recebo até aplausos.

Antes de voltarmos para o barco e dormirmos ainda "caçamos" mais um jacaré, dessa vez fêmea. Fim do teatro, o guia devolve os bichos ao rio... A manhã seguinte traz novas emoções. Pouco depois de acordarmos, avistamos uma enorme cobra atravessando a nado o furo. Pulamos na canoa e, fingindo coragem, partimos em seu encalço, mas ela é mais esperta e desaparece. O furo é o lugar mais bonito de todo o programa. Nas margens, capim aquático de um verde muito intenso. No alto das árvores, tucanos estão atentos. Anuns voam, as penas ora azuis, ora pretas, conforme a luz do sol. Passamos por roças de milho e de mandioca, por fazendas de gado. Uma revoada de andorinhas desperta a atenção dos gaviões, macacos se agitam quando passa o barco transportando gado.

É hora de voltar, infelizmente. Descemos pelo Rio Negro e damos uma volta de canoa por um igarapé (em tupi, selva inundada). É surpreendente ver aquelas árvores imensas dentro da água, seus galhos à superfície parecendo arbustos aquáticos. As margens, várias palmeiras: açaí, de cuja fruta se faz suco; tucumã, com uma seiva que serve para adoçar; pupunha, um coco que se come cozido.

Soltamos o barco da árvore onde estava amarrado. No balanço da viagem, uma feliz constatação: não fomos molestados pelos carapanãs, os temíveis mosquitos da Amazônia.

Deitados nas redes, nos aproximamos de Manaus. O sol se põe, refletindo o dourado nas águas escuras do Negro. E um dos mais bonitos espetáculos da Amazônia, digno de um final de viagem.



Hotel Tropical

Indicação

Como chegar
A Expeditor (Rua Visconde de Pirajá, 414, grupo 1.005, telefone 287-9897) organiza excursões para a selva amazônica. O programa básico, de três dias e duas noites pelo Rio Negro, é feito em barco (pernoites em rede). No primeiro dia, visita ao encontro das águas, ao Lago de Janauary, captura de jacarés. No segundo dia, caminhada pela floresta. No terceiro dia, retorno para Manaus. Preço por pessoa em grupo de quatro a seis pessoas: Cz\$ 2 mil 910, sem passagem aérea.

Passagem Aérea
A tarifa Rio-Manaus-Rio é de Cz\$ 5.516,20. Há várias saídas diárias.

Hotéis
Hotel Tropical (Praia de Ponta Negra, a 13 quilômetros do centro de Manaus, telefone (092) 238-5757) — Com centro comercial com 17 lojas, piscina, sauna seca e a vapor, quadras de tênis, pista para cooper, salão de jogos. Minizoo com perdizes, macacos, preguiças, onças, porco do mato, capivara e pássaros da selva (mutum, jacu, macuco, tucano, periquito, papagaio, arara, coruja). Apartamento com geladeira, ar condicionado, telefone, televisão. Diária para casal com café da manhã: Cz\$ 1 mil 100.
Hotel Aquarius — (Rua Guilherme Moreira, 168, telefone (092) 232-5620) — Apartamento com ar condicionado, geladeira, telefone e televisão. Diária para casal com café da manhã: Cz\$ 600.

Rotã para Sydney

Li na edição de 19 de novembro do Turismo do JORNAL DO BRASIL, na seção Pergunta e Resposta, a dúvida de Patrícia Maria de Carvalho Marcondes sobre tarifas e rotas para a Austrália. Na resposta dada por esta seção constava apenas a rota Rio-Los Angeles-Sydney. Como acabo de chegar da Austrália, gostaria de informar que há mais duas rotas possíveis: a primeira seria São Paulo-Santiago-Papete (Tahiti) — Sydney e a segunda São Paulo-Buenos Aires-Auckland (Nova Zelândia) — Sydney. Gostaria também de ressaltar que a segunda rota, feita pelas Aerolíneas Argentinas quinzenalmente tem duas vantagens: reduz pela metade o número de horas (apenas 16 horas) e os

custos. Wanja Campos da Nóbrega, Brasília, DF
Excursão cancelada.

Aproveitando o espaço que o Caderno de Turismo do JORNAL DO BRASIL coloca à disposição do público leitor, quero fazer uma queixa. No período de férias do trabalho, entre 1º e 20 de setembro, marquei excursão a Salvador por cinco dias, viafeia, com partida no dia 29 de agosto, pagando Cz\$ 3.055 de entrada. Por problemas de saúde, no dia 28 de agosto adiei a excursão. A PM Turismo/Câm-

bio S.A. e a operadora RHS Hotéis e Turismo Ltda. aceitaram o adiamento, marcando a excursão para o dia 13 de setembro. No dia 12 de setembro a PM Turismo avisou que a excursão do dia seguinte não se realizaria por falta de passageiros e desta forma seria transferida para o dia 20. Não concordei porque retornaria ao trabalho no dia 22 de setembro. Para não devolver a quantia paga, as agências demonstraram total falta de honestidade declarando que eu cancelarei a excursão no dia 28 de agosto. Cátia Ma-

ria Cavalcanti Pereira, Rio de Janeiro — RJ.

Caldas Novas

Desejo explicação para a afirmação de que as águas da Lagoa Quente de Caldas Novas são poluídas, o que contradiz os exames bacteriológicos realizados pelo Departamento Nacional de Produção Mineral.
Rogério da Silva, Diretor da Companhia Melhoramentos de Caldas Novas
Nota da Redação: uma placa ao

lado da Lagoa Quente avisa que é proibido o banho; a repórter baseou-se no que viu — folhas e sujeira na lagoa — e na opinião de frequentadores do balneário para afirmar que o local é poluído.

Guia incompleto

Fiquei decepcionado quando abri a edição 1987 do Guia Rio publicado pela Quatro Rodas. No mapa da cidade, descobri que ela acaba na Penha, de um lado e em São Conrado, do outro; nem mesmo a Barra da Tijuca ou Jacarepaguã tiveram a felicidade de entrar na planta. Também foi decepcionante descobrir que o local onde moro (Praça Radial Sul), apesar de ficar em Botafogo, também não

estava no mapa. Outro detalhe: na seção "linhas de ônibus", há algumas que só têm seu itinerário de ida. Devo raciocinar que as linhas 170, 172, 173 e 174 só vão e não voltam? Mais outra coisa: linhas antigas de ônibus são desconhecidas pelo guia: 410 (Praça Saens Peña—Leblon), 434 (Grajaú—Leblon), 415 (Usina—Copacabana) e 573 (Praça São Salvador—Leblon) também não existem. Sou assíduo consultor dos guias 4 Rodas e por isso tive a ousadia de fazer essa crítica porque sei a qualidade de seu trabalho. Gilberto Couto, Rio de Janeiro, RJ

As cartas serão selecionadas para publicação, no todo ou em parte, entre as que tiverem assinatura, nome completo e legível e endereço que permita a confirmação prévia.

Senhores Passageiros